

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

11 e 23 de Dezembro de 2021

**BELLE LE GRAND / 1951**

*Um filme de Allan Dwan*

Realização: Allan Dwan / Argumento: D.D. Beauchamp, baseado numa história de Peter B. Kyne / Direcção de Fotografia: Reggie Lanning / Direcção Artística: James W. Sullivan / Guarda-Roupa: Adele Palmer / Música: Victor Young / Som: Dick Tyler e Howard Wilson / Montagem: Harry Keller / Interpretação: Vera Ralston (Belle Le Grand), John Carroll (John Kilton), William Ching (Bill Shanks), Hope Emerson (Emma McGee), Grant Withers (Shannon), Stephen Chase (Montgomery Crame), John Qualen (Corky McGee), Harry Morgan (Abel Stone), Charles Cane (Cal), Thurston Hall (Parkington), Marietta Canty (Daisy), etc.

Produção: Republic Pictures / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 89 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Allan Dwan manifestava estima por **Belle le Grand**, considerando-o um bom filme “com excepção de Vera Ralston e de John Carroll”, o par de protagonistas com que trabalhou inúmeras vezes na Republic. Ralston, originalmente Vera Hruba, era uma patinadora checa por quem Herbert J. Yates, o patrão da Republic, se apaixonou e com quem depois veio a casar. Impunha-a nos filmes que produzia, na tentativa, relativamente vã, de fazer dela uma “movie star” de primeira grandeza. Dwan suportava isso, como suportou tantas coisas ao longo da sua extensa carreira, mas nas visões retrospectivas dadas nas entrevistas posteriores lastimava-se bastante. Não é que Ralston fosse má pessoa (“era uma rapariga adorável”), ou não se aplicasse (“esforçava-se muito”), era simplesmente, para Dwan, um caso de falta de talento - “ninguém vem do gelo e se transforma numa boa actriz da noite para o dia” - que a tornava inadequada à função de arcar com o estatuto de “leading lady”. “Era uma excelente patinadora, talvez devêssemos ter tido cenas de patinagem em todos os filmes com ela”, rematava. Mas a conclusão era severíssima: “Yates deu cabo de vários filmes meus” ao impôr a presença da pobre Vera.

Tanto cepo (e tanta “cepa”) passou pelo cinema, antes e depois de Vera Ralston e de John Carroll, que hoje a apreciação de Dwan deste seu par de actores nos parece um pouco exagerada. Não serão os melhores, nem os mais carismáticos, actores do mundo, mas ficam longe de confirmar a visão catastrofista do realizador – em **Belle le Grand** como noutros casos, é totalmente falso que “dêem cabo do filme”. Aliás, mais uma vez, a vocação de Dwan para o “ensemble”, para os filmes que multiplicam personagens (e consequentemente, actores), se revela em **Belle le Grand**, e esse aspecto equilibra bastanta as coisas, contribui para uma sensação de uniformidade que não deixa ninguém ver “falhas” ao nível do elenco. A rapidez com que Dwan, de modo geral, transita de cena para cena, também contribui para isso.

E depois, as elipses. O passo essencial ao arranque do filme – a transformação de Daisy Henshaw, a personagem de Ralston, em **Belle le Grand** – é deixada em buracos narrativos. Há a primeira sequência, notável de frieza e dramatismo (o discurso do pai da personagem, a

renegá-la), em que a vemos numa sala de tribunal, a ser julgada por cumplicidade num assassinio cometido pelo marido. É condenada, e o filme salta para cinco anos depois – outra vez numa cena com aspectos notáveis, como o travelling que acompanha até a casa da sua antiga criada (e amiga) negra. Daisy Henshaw está prestes a tornar-se Belle le Grand, proprietária de um casino em San Francisco, mulher de negócios invejada e temida.

A série B nunca foi impedimento para narrativas complexas, e a de **Belle le Grand** é um ótimo exemplo. O filme anda por várias cidades de vários estados americanos, tem várias personagens proeminentes, e uma complexa teia de relações a unir as personagens – sejam as inimizades, quase sempre por causa do dinheiro, sejam os amores e as paixões. O amor de irmã, que leva Belle a patrocinar a carreira de cantora de ópera da sua irmã mais nova, e o amor passionai que conduz à criação de um triângulo entre as duas irmãs (a mais nova, Nan, é interpretada por Muriel Lawrence) e a personagem de John Carroll. As cenas relacionadas com a ópera sugerem Belle como uma espécie de “cidadã Kane” (o filme de Welles tinha dez anos quando Dwan rodou **Belle le Grand**), aspecto que forçosamente leva a realçar a relativa raridade que era, na época, um retrato de personagem feminina financeiramente poderosa e “self-made”. A envolvimento do jogo e o facto de a protagonista ser proprietária de um casino parecem antecipar alguns traços do **Johnny Guitar** que Nicholas Ray dirigiria (também na Republic) três anos depois – embora aqui, sim, Ralston não se chegue aos calcanhares do carisma de Joan Crawford. Aliás, há uma “premonição” do filme de Ray na banda sonora, já que a partitura de Victor Young (o único ponto em comum entre os dois filmes para além da Republic) várias vezes parece “ensaiar” a famosa canção do **Johnny Guitar**, fruto do particular interesse de Young por uma composição do final do século XIX espanhol, da autoria de Enrique Granados, que serve de mote melódico tanto à musica de **Belle le Grand** como à canção do **Johnny Guitar**.

Luís Miguel Oliveira